

A opção internacional: anseio de ex-sistir?¹

Miriam X. Pinho-Fuse

Resumo

“Internacional” é uma opção que está na origem tanto do conjunto dos fóruns quanto de nossa Escola, cuja extensão é internacional. Por que a opção pelo “internacional”? Qual seria sua função? Perpassando brevemente a história do movimento psicanalítico, este estudo, produto de um cartel intercontinental, pretende refletir sobre o anseio (e, em alguns momentos, também temor) por uma comunidade “internacional”, presente na psicanálise desde Freud, a partir de três perspectivas: a opção internacional como garantia de duração, como anteparo aos abusos do Um e como anseio de ex-sistir.

Palavras-chave:

Internacional; Ex-sistência; Psicanálise.

The “international” option: yearning to ex-sist?

Abstract

“International” is an option that is at the root of both the forums as a whole and our School, which is international in scope. Why the option for “international”? What would his function be? Briefly going through the history of the psychoanalytic movement, this small study, the product of an intercontinental cartel, aims to reflect on the yearning (and, at some moments, also fear) for an “international” community present in psychoanalysis since Freud, from three perspectives: the international option as a guarantee of duration, as a protection against the abuses of the One and as a yearning to ex-sist.

Keywords:

International; Ex-sistence; Psychoanalysis.

1 Trabalho apresentado no Espaço Escola do XXIII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), ocorrido em Belém (PA) em 17 de novembro de 2023.

A opção “internacional”: ¿anseio de ex-sistir?

Resumen

“Internacional” es una opción que está en la raíz tanto de los foros en su conjunto como de nuestra Escuela, cuya extensión es internacional. ¿Por qué la opción por “internacional”? ¿Cuál sería su función? Recorriendo brevemente la historia del movimiento psicoanalítico, este pequeño estudio, producto de un cartel intercontinental, pretende reflexionar sobre el anhelo (y, en algunos momentos, también miedo) de una comunidad “internacional” presente en el psicoanálisis desde Freud, bajo tres perspectivas: la opción internacional como garantía de duración, como protección contra los abusos del Uno y como anseio de ex-sistir.

Palabras clave:

Internacional; Ex-sistencia; Psicoanálisis.

L’option « internationale » : envie de l’ex-sister ?

Résumé

« International » est une option qui est à la base des forums dans leur ensemble et de notre École, dont l’extension est internationale. Pourquoi l’option « internationale » ? Quelle serait sa fonction ? Retraçant brièvement l’histoire du mouvement psychanalytique, cette petite étude, fruit d’un cartel intercontinental, vise à réfléchir sur l’avidité (et, à certains moments, aussi la peur) d’une communauté « internationale » présent dans la psychanalyse depuis Freud, sous trois angles : l’option internationale comme garantie de durée, comme protection contre les abus de l’Un et comme envie de l’ex-sister.

Mots-clés :

International ; Ex-sistence ; Psychanalyse.

Participar de algumas das funções existentes em nosso Fórum tem por efeito produzir não apenas uma leitura mais atenta dos princípios e documentos que nos orientam, mas também despertar um maior interesse e engajamento pelos debates de âmbitos local, nacional e internacional. De minha parte, essas experiências fizeram-me atentar para o significativo “internacional” que habita tanto a nomenclatura do conjunto dos Fóruns — a Internacional dos Fóruns do Campo Laciano (IFCL) — quanto nossa Escola de extensão internacional. Por que a opção pelo “internacional”? Qual seria sua função? Essas indagações se tornaram o *leitmotiv* do trabalho em um cartel de Escola do Colegiado de Animação e Orientação da Escola (CAOE),² do qual o presente texto se fez produto.

Proponho abordar as questões suscitadas a partir de três perspectivas.

1. A opção internacional como garantia de duração

Na história do movimento psicanalítico, o anseio pelo “internacional” está presente desde o início, e não à toa.

Durante os primeiros anos da psicanálise, Freud (1925/2011, p. 132) sentiu o desgosto de ver-se completamente isolado: “Era evitado em Viena, e no exterior não se tomava conhecimento de mim.” A repercussão de seus escritos possibilitou a saída do isolamento. Formou-se um pequeno grupo de interessados — o círculo de Viena —, composto basicamente por colegas judeus. Por recear que a psicanálise fosse ser reduzida a um novo campo de saber intrínseco à comunidade judaica, Freud aspirava a ampliar suas fronteiras.

Naquele momento, o anseio *internacionalista* dizia respeito à sobrevivência da psicanálise, dado o temor de vê-la submergir à crescente onda antisemita.

Foi então com entusiasmo que Freud acolheu a notícia de que uma famosa clínica psiquiátrica em Zurique, no centro da Europa, e da qual E. Bleuler e C. G. Jung faziam parte, estava estudando e aplicando a técnica analítica. Começava, assim, o reconhecimento internacional da psicanálise.

Entretanto, tal expansão não trouxe só alívio e esperança, mas igualmente aborrecimentos referentes ao entendimento da doutrina e seus propósitos. Freud (1914/2012) percebeu, então, a necessidade de instituir uma organização de dimensão internacional para proteger a psicanálise e regular seu uso: “Eu considerava necessário instituir uma associação oficial, porque receava os abusos a que estaria sujeita a psicanálise tão logo atingisse popularidade. Então haveria um centro que pudesse declarar: ‘A psicanálise nada tem a ver com todo esse absurdo, isso não é psicanálise’” (Freud, 1914/2012, p. 295).

² Tema do cartel: “O cartel como lugar e experiência de uma transferência de trabalho internacional” (2021-2022), constituído por dois membros do Fórum França, um do Fórum Bélgica e dois do Fórum Brasil.

A Associação Internacional de Psicanálise (IPA) foi fundada em 1910 no II Congresso Internacional em Nuremberg. Previu-se, então, que a Associação seria composta de sociedades locais³ e teria um só presidente, eleito a cada dois anos. Na visada de garantir o futuro, Freud apostou em Carl G. Jung como primeiro presidente, um homem estrangeiro, mais jovem, não judeu. Tal indicação, porém, despertou grande mal-estar entre os colegas vienenses, que recebiam o descenramento de poder e viam Zurique como uma ameaça.

Observa-se que, desde sua fundação, a IPA já tinha como uma de suas finalidades básicas — além de assegurar a formação, a garantia e a difusão da psicanálise — a de facultar o apoio recíproco e os laços amigáveis entre os analistas associados:

Nas reuniões dos grupos locais (...) seria ensinado como exercer a psicanálise e seriam treinados médicos que poderiam ter uma espécie de garantia em suas atividades. Também me pareceu desejável que os seguidores da psicanálise se reunissem para manter laços amigáveis e apoiar-se mutuamente, depois que a ciência oficial promulgou o veto sobre ela e impôs o boicote sobre os médicos e instituições que a praticassem.

Isso tudo, e nada mais que isso, eu pretendi alcançar com a fundação da “Associação Psicanalítica Internacional”. (Freud, 1914/2012, p. 295)

Entretanto, “era provavelmente mais do que se podia alcançar”, lamentou Freud (1914/2012, p. 295) um tempo depois. O IV Encontro Internacional, realizado em Munique em 1913, foi o palco de uma primeira grande crise. Embates e dissensões acompanharam a reeleição de Jung, que contrariou dois quintos dos presentes. “Ao se despedirem”, declarou Freud (1914/2012, p. 298), “os participantes não sentiam o desejo de se reencontrar”.

Sob o impacto desse acontecimento e dos movimentos de separação que se seguiram, Freud colocou em questão o âmago da formação dos analistas — isto é, a análise dos analistas —, ao testemunhar que o saber analítico tão arduamente conquistado não parecia ser suficiente para proteger os analistas agrupados dos “narcisismos das pequenas diferenças”, com seus jogos de poder e atos de segregação.

A citação é longa, mas preciosa:

(...) a decepção que eles me causaram poderia ter sido evitada, se eu tivesse atentado melhor para os processos que ocorrem nas pessoas que se acham em tratamento analítico. Eu compreendia muito bem que alguém recorresse à fuga ao se defrontar com as desagradáveis verdades psicanalíticas,

3 Na época, compreendia os seguintes países: Áustria, Alemanha, Hungria, Suíça, Grã-Bretanha, Holanda, Rússia, Índia e Estados Unidos (Freud, 1925/2011).

e sempre afirmara que a compreensão de cada um é estorvada por suas próprias repressões (...), de modo que ele não vai além de determinado ponto em sua relação com a análise. Mas eu não esperava que alguém, tendo compreendido a análise em certa profundidade, pudesse novamente perder ou renunciar à sua compreensão (...) ainda que tenhamos conseguido, mediante exaustivo trabalho, que o paciente apreendesse partes do saber analítico e as manejasse como possessão própria, podemos ainda vê-lo, sob domínio da resistência seguinte, lançando pelos ares tudo o que foi aprendido e defendendo-se como em seus dias de iniciante. Eu iria aprender que com os analistas pode suceder exatamente o mesmo que com os pacientes em análise. (Freud, 1914/2012, pp. 302-303)

Atingido esse ponto, a dimensão “internacional” da psicanálise estava longe de representar “a” garantia de duração. Os embates doutrinários e os ataques que dilaceravam os laços partiam agora dos próprios analistas a ela associados. Preocupado com a continuidade da psicanálise mais ainda por não ter encontrado um sucessor que considerasse “plenamente válido”,⁴ Freud acabou por ceder à proposta de Ernest Jones (1989) de criar um grupo secreto de fiéis — “o comitê dos anéis” —, consolidando, assim, um modelo familiar de transmissão da psicanálise; aliás, um modelo paterno, já sobrepesado pela presença de Anna Freud, herdeira, secretária, porta-voz do pai.

Em nome da duração, sacrificou-se o discurso analítico em favor do grupo, aproximando, assim, a Associação do modelo da Igreja. Nos termos de Lacan (1980/2022, p. 57), a Internacional acabou reduzida “ao sintoma do que Freud esperava dela”.

2. A opção “internacional” como anteparo aos abusos do Um

Por estar advertido sobre os agrupamentos humanos, suas promessas e obstáculos, mesmo quando ordenados ou escolhidos, Lacan propôs sua Escola como uma contraexperiência aos efeitos de grupo. Com o intuito de instituir um chalhar permanente na formação e na comunidade dos analistas, ele inventou o passe e o cartel na base do trabalho da Escola.

E, como *père-severo*,⁵ Lacan não hesitou em dissolver a Escola Freudiana de Paris — a associação que dava sustentação jurídica à sua Escola —, quando se deu conta de que ela havia se tornado também um sintoma (do que ele esperava dela?):

4 Assim se expressou Freud em carta a Ferenczi. Ver, na troca de correspondência, o debate acirrado sobre o tema no volume 1, tomo 1, da *Correspondência Freud e Ferenczi* (Rio de Janeiro: Imago, 1994).
5 Aqui, Lacan cria um neologismo para amalgamar o verbo “perseverar” (*persévérer*) e o substantivo adjetivado “pai-severo” (*père-sévère*).

Há um problema da Escola. Isto não é um enigma. Também me oriento nisso, não muito cedo.

Esse problema se demonstra como tal, por ter uma solução: é a *dis* — a dissolução.

Entenda-se: a da associação que dá a esta Escola o *status* jurídico.

(...)

DIZENDO DE OUTRO MODO, eu persevero.

E convoco a se associarem, mais uma vez, aqueles que, neste janeiro de 1980, queiram prosseguir com Lacan. (Lacan, 1980/2022, pp. 55-56, grifo do autor)

O apelo lançado por Lacan abriu a possibilidade de uma nova iniciativa com a fundação da Escola da Causa Freudiana, ocorrida no início de 1981, um pouco antes de sua morte, em setembro do mesmo ano. É importante notar que nem todos os analistas que, nessa época, trabalhavam junto a Lacan aderiram à proposta da Causa Freudiana, e alguns decidiram organizar outras associações,⁶ por pressentirem, já naquele momento, o risco de repetição histórica, ao verem Lacan nomear Jacques-Alain Miller — seu genro, logo herdeiro e, por vezes, com função de secretário, porta-voz... — entre aqueles que estariam encarregados da sustentação do trabalho de Escola na nova associação.

E, nos fatos, eles tinham razão. Não é possível sustentar uma Escola que não pode manter a distância os laços familiares.

Quando a Associação Mundial de Psicanálise (AMP) foi criada em 1992, no chamado “Pacto de Paris”, com o intuito de reunir as Escolas e dar reconhecimento internacional aos títulos do *gradus* analítico, Jacques-Alain Miller tornou-se seu primeiro presidente. Não muito tempo depois, em 1998, uma crise de dimensão internacional abalou a AMP.

Analistas de diversas partes rechaçaram o que ficou conhecido então como “os abusos do Um na psicanálise”, em referência ao poder abusivo de J.-A. Miller junto aos dispositivos de Escola, aproximando a AMP do formato do exército, como notou Bousseyroux (2006). Sem a pretensão de abordar aqui o desenrolar dos acontecimentos que contribuíram para a crise, ressalto apenas o abalo de confiança em torno do cartel do “passe”, coração da Escola lacaniana. Um retorno à problemática do grupo, à sua obscenidade, apesar de toda a experiência já acumulada quanto à Escola, ao cartel, ao passe...

Essa crise impulsionou o movimento dos fóruns, desde o início marcado por uma iniciativa internacional, logo plurilinguística, plurinacionalista.

6 Esse foi o caso de Erik Porge, Guy Le Gaufey, Jacques Hassoun, Jean Allouch, Philippe Julien, apenas para citar alguns.

Cabe ressaltar ainda que essa opção “internacional” não foi bem recebida em todos os lugares. Em São Paulo, por exemplo, houve um corte separador entre os que preferiam uma associação local e independente e os que queriam a polifonia internacional, tal como proposta pelo movimento internacional do Campo Lacaniano. Por fim, em 1999, após o Encontro do Rio de Janeiro, no qual se decidiu em assembleia pela inscrição do “Movimento dos Fóruns-Brasil” junto ao Campo Lacaniano, fundou-se informalmente o Fórum de São Paulo, que declarou sua pertinência ao Campo Lacaniano internacional.

A opção internacionalista deu-se por uma aposta de que o múltiplo, o diverso seria um modo de tratar um sintoma comum aos grupos, que é de se fecharem sob o abrigo de um mestre-suporte-das-identificações grupais. Rodrigo Pacheco (2023), inspirado nos debates atuais sobre gênero, trouxe uma provocação interessante quanto ao “inter” de nossa Escola e fóruns: seria melhor hoje falarmos em “transnacionalidade” em vez de “inter”?

Tal opção de origem teve consequências importantes para a construção da arquitetura do conjunto dos fóruns: não há nenhuma instância internacional com poder de decisão, e as propostas de mudanças são levadas à assembleia, não sem barulho. A IF não exerce, portanto, nenhuma função de direção sobre o funcionamento dos fóruns. Do mesmo modo, a Escola dos Fóruns não tem um conselho diretor, mas instâncias de funcionamento internacionais e locais.

Nada de pensamento único, nem de língua oficial. As assembleias, publicações, mensagens que circulam na lista da IF contam com o imprescindível trabalho de tradução (ou transcrição, como diria Haroldo de Campos, dadas as dificuldades de transpor de uma língua a outra as palavras de espírito, as expressões e impressões locais, os neologismos e tantos outros jogos significantes que costumam habitar nossos textos e falas) que contempla os cinco idiomas de nossa comunidade. O barulho estrangeiro nos descompleta. Impõe outro tempo, outro ritmo de fala e de escuta.

Essas condições, no entanto, não garantem por si só a des-colagem, e há sempre o risco de certa “uniformidade” discursiva internacional, como bem observou Luciana Guarreschi (2023), quando de sua leitura das revistas *Wunsch*, contrariando a diversidade etnolinguística esperada em uma comunidade tão vasta.

Como seguirmos juntos, então, na transmissão da psicanálise, sem virarmos clérigos ou soldados?

No “Ato de fundação”, Lacan (1964/2003) menciona a “transferência de trabalho” como o meio de transmissão da psicanálise de um sujeito a outro, e, do mesmo modo, a Carta da IF faz referência a uma “comunidade animada pela transferência de trabalho”. Porém, essa transferência especial do que trata? Lacan não retoma esse termo, que permaneceu inexplorado em seu ensino. E, talvez por essa razão, tornou-se fonte de grande mal-entendido, sendo facilmente confundido

com a transferência analítica, conforme sublinhou Formigoni (2022), ficando ao sabor das (des)afinidades e dos (des)afetos.

Há, certamente, os efeitos de grupo que assombram as instituições psicanalíticas e que pedem renúncia ao gozo do “narcisismo das pequenas diferenças”, mas é preciso distinguir esses cansativos efeitos imaginários do real em jogo na formação analítica e que estão na base da fundação das sociedades psicanalíticas, como nos advertiu Lacan (1967/2003).

Nessa direção, Bousseyroux (2006, p. 92) propõe que o real da Escola é o da experiência analítica — “esse real da psicanálise, seu impossível de transmitir” —, que temos o dever de interrogar e de sustentar: “O real da Escola, portanto, é o da experiência analítica que ela toma o partido, e a aposta, de não desmentir, de não ignorar. É com essa condição que ela pode estabelecer entre seus membros uma comunidade que não seja de ajuda mútua contra o discurso analítico.”

Trabalho a ser cuidado e sustentado, portanto, não a partir de um Outro garantidor dos dispositivos, do *gradus* e do saber analítico, mas do $S(\)$, furo (no saber), lugar vazio em torno do qual a comunidade analítica deve pôr-se em movimento.

3. A opção internacional como anseio de ex-sistir

Comenta Lacan (1980/2022, p. 67), em “D’e[s]colagem”: “Pois o erro de Freud foi ter deixado os analistas sem recurso, e inclusive sem outra necessidade que não a de se sindicalizar. Tentei inspirar-lhes outro anseio, o de *ex-sistir*. Nesse ponto fui bem-sucedido.”

O predicativo “internacional”, tão ansiado por Freud, abre-se aqui para outra ressonância nas comunidades analíticas: não mais geográfica, mas de exterioridade radical, estrangeiridade que diz respeito não ao Um fusional do grupo, mas ao Um da pura e simples diferença — *Há-um, Yad’lun*. O internacional pode alcançar por essa via a dignidade da *ex-sistência*.

Mas, nas vias de fato, esses Uns, esses estrangeiros de marcas singulares, precisam conseguir trabalhar juntos para sustentar uma Escola, e o cartel é um recurso deixado por Lacan para que essa possa *ex-sistir*, resistir à estrutura de grupo desde o princípio de permutação do qual se esperam uma renovação, um chacoalhar constante: “É com o turbilhão que eu conto. E, devo dizer, com os recursos de doutrina acumulados em meu ensino (...) senão a cola está garantida” (Lacan, 1980/2022, p. 74).

Em 2021, a partir da proposta do CAOE⁷ de uma rede de cartéis de Escola intercontinental e bilíngue, ao menos idealmente, tive a oportunidade de realizar um cartel junto aos colegas Ali Tissnaoui e Esther Diderot (Fórum França), Coralie Vankerkhoven (Fó-

7 Proposta lançada pelo CAOE (2021-2022) na lista da IF no dia 30 de março de 2021. Colegiado composto à época por Julieta de Battista, Mikel Plazaola, Sandra Berta (secretária para a América), Colette Soler (secretária para a Europa), María de los A. Gómez e María Teresa Maiocchi.

rum Bélgica, mais-um) e Sheila Finger (Fórum de São Paulo), cujos efeitos surpreenderam, apesar do *tour de force* — e talvez por isso mesmo —, de ter que debater psicanálise e questões de Escola em outra língua. A particularidade desse cartel foi que, quando as palavras fugiam e não se encontrava outro meio, a conversa circulava entre os quatro idiomas (espanhol, francês, inglês, português...), que cada um sacava de seu idiomatário ou de sua jornada escolar.

“Cartel-babel”, resumiu poeticamente a colega Coralie, que nos “tira da rotina” e “do conforto de nossa própria língua”.

“Mas o atordoamento não faz parte de qualquer trabalho de cartel?”, ressaltava a colega Sheila.

O colega Ali, por sua vez, insistiu: “Vamos, então, aos textos de Lacan.” Passamos, assim, um tempo lendo “Ato de fundação”... Esbarramos na questão da garantia outorgada pela Escola, especialmente em relação ao título de AME, que despertou o seguinte ruído: haveria conflito de entendimento e procedimento entre as comissões locais das diferentes zonas linguísticas? Quanto às instâncias de Escola, falamos ou não a mesma língua?

Ficou evidente que, para seguirmos no debate, precisávamos ir além dos textos lacanianos de base e consultar os *Princípios diretivos da Escola* e as publicações, nos cinco idiomas, que não deixam as comunicações e os debates em assembleias ficarem simplesmente à mercê da memória. Foi preciso insistir nesse ponto de uma Escola polifônica internacional. Passamos então à *Wunsch* 18, para nos aproximarmos do debate — internacional — sobre a garantia outorgada pela Escola.

Nossa Escola é intercontinental, polifônica, certamente, mas “uma só Escola”, concluiu Esther.

Assim, tudo foi “turbulindo”.⁸ E passaram-se dois anos...

Tempo de concluir.

E... valeu a pena?, indagou-me uma colega do Fórum de São Paulo.

Vale mesmo é experimentar. Experimentar a possibilidade de ampliar laços, perspectivas e horizontes de trabalho. E, principalmente, experimentar ter que se virar, bulir, sacudir, rebolar, para seguir sustentando o cartel diante das fendas que se abrem — *Há-um e não pares* —, tensão indispensável que nesse cartel teve a preciosidade de precipitar-nos sobre as questões de Escola em sua dimensão internacional... Experiência sustentada no limite, nessa ânsia de *ex-sistir*, ou, nas palavras do poeta paraense Ruy Barata (1951, p. 150):

8 Turbulindo: palavra-valise de Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*, que reúne os verbos “turbilhonar” e “bulir” (mexer, sacudir, rebolar).

nesta ânsia de fugir ao tédio
Que é o mais trágico e fatal
De todos os venenos.

Referências bibliográficas

- A Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano e sua Escola: *work in progress* (2010). *Revista Zero: Revista de Psicanálise. Corpos e afetos*, Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, 1(1), 9-14.
- Barata, R. (1951). Carta (a Francisco Paulo Mendes). In R. Barata. *A linha imaginária*. Belém: Edições Norte.
- Basz, S. et al. *Pacto de Paris*. Recuperado de <https://www.wapol.org/pt/acerca-amp/TemplateArticulo.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=8&intEdicion=1&intIdiomaPublicacion=1&intArticulo=154&intIdiomaArticulo=9>
- Bousseyroux, M. (2006). Le réel de l'École. *L'En-je Lacanien*, Éditions Érès, 2(7), 85-99. Recuperado de <https://doi.org/10.3917/enje.007.0085>
- Formigoni, M. C. (2022). “Sozinho com’, que laço é esse?”. Trabalho apresentado no Espaço Escola, Jornada de Encerramento do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. Inédito.
- Freud, S. (2011). Autobiografia. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2012). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Guarreschi, L. (2023). *Onde está o novo?*. Trabalho apresentado no Espaço Escola do XXIII Encontro Nacional da EPFCL-Brasil. Belém, 17 de novembro.
- Jones, E. (1989). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (2003). Ato de fundação. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 235-247). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2022). Dissolução. In J. Lacan. *Nos confins do seminário* (pp. 51-90). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1980)
- Pacheco, R. (2023). *A escolha por uma Escola Internacional e por uma Internacional dos Fóruns e as noções de transferência de trabalho e verdade*. Trabalho apresentado no Espaço Escola do XXIII Encontro Nacional da EPFCL-Brasil. Belém, 17 de novembro.

Princípios diretivos para uma Escola orientada pelo ensino de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Atualizados após a Assembleia Geral de julho 2022. Recuperado de <https://www.champlacanien.net/public/docu/4/epPrincipes2022.pdf>
Schermann, E., & Pollo, V. (Org.) (1999). Do campo freudiano ao Campo Lacaniano. In *Comunidade analítica de Escola: a opção de Lacan* (pp. 11-23). Rio de Janeiro: Marca d'Água.

Recebido: 01/12/2023

Aprovado: 15/12/2023